

CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS DE LEIRIA

Margarida Elias

Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa



INTRODUÇÃO

Situado numa zona urbana de Leiria, a cerca de meio quilómetro a Sudoeste do Castelo medieval, o Convento de Santo António dos Capuchos é hoje um edifício em estado de abandono, que se oculta entre a urbanização que o envolve.

Trata-se um edifício cuja fundação remonta à segunda metade do século XVII, objecto de transformação no século seguinte, cuja arquitectura traduz o despojamento da Ordem Franciscana e Capucha a que pertence. O edifício foi desde 1864 adaptado a Hospital Militar, embora tenha deixado de ter essa utilização desde meados do século XX, estando actualmente desocupado.

CRONOLOGIA

O Convento pertenceu à Ordem dos Capuchos, do ramo da Estrita Observância da Ordem de São Francisco. Fez também parte da Província dos Arrábidos, ou da Arrábida, fundada por Frei Martinho de Santa Maria (Benevides), em 1539, declarada Custódia em 1542, mas só elevada a Província em 1560 (Rema, 2004, 155-156).

A fundação do Convento dos Capuchos de Leiria resultou de um pedido feito em 1650, dirigido a D. João IV (1604-1656), por intercessão do Provincial Frei Luiz da Ascensão (f. 1669), e por intermédio de Pedro Vieira da Silva (1598-1676), Secretário de Estado do Rei, que decidiu apadrinhar o projecto.

Em 1651, os três frades fundadores do Convento - Luiz da Ascensão (natural de Santarém e descendente de uma família nobre), Roque da Expectação (natural de Cascais, f. 1659) e António de Madre Deus - partiram para Leiria. Inicialmente, instalaram-se numas casas contíguas à Ermida do Espírito Santo, e depois num «Recolhimento de adobes» junto à Ermida de Santo Estevão (Maria, 1737, 271; cf. também Guerreiro, 2015, 43).

Sendo necessário escolher o local para a construção do Convento, pensou-se primeiro no sítio do Carrascal, onde já existia uma ermida dedicada a Santo António (Séc. XVI). Contudo, esse lugar foi preterido em favor do lugar dos Covelos, onde hoje se encontra, o que se relaciona com uma história milagrosa. Segundo essa história, uma mulher sonhou que via nos Covelos «treze Estrellas muito brilhantes, e entre ellas huma de mayor esplendor»; e um clérigo também sonhou que, no mesmo local, «apparecia a Imagem de hum Santo, que sem duvida era Santo Antonio pelo ver com hum molho de assucenas na mão direita, e vestido em habito Serafico» (Maria, 1737, 271-272).

A construção do edifício teve auxílio económico de três benfeitores, Pedro Vieira da Silva, que foi o que mais terá contribuído, João Soares da Mota e Manuel da Mota (Guerreiro, 2015, 39). Vieira da Silva era Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra (1623) e, como mencionámos, Secretário de Estado de D. João IV, desde 1643. João Soares da Mota era um cavaleiro da cidade de Leiria, onde era chamado *Pay dos Pobres*. Manuel da Mota era cavaleiro da Ordem de Santiago – tendo financiado «o dormitorio, que corre sobre o Capitulo» (Maria, 1737, 282; cf. também Azevedo, 2014, 253-270; Guerreiro, 2015, 43-44).

Em 8 de Abril de 1652, dia dedicado a Nossa Senhora dos Prazeres, foi colocada a primeira pedra, pelo deão da Sé, Simão da Rosa Guerra, possivelmente parente do padroeiro (Guerreiro, 2015, 28). No relato de Frei de Jesus Maria, publicado em 1737, organizou-se uma Procissão para levar a pedra fundamental, sendo o acontecimento marcado com a ocorrência de um eclipse: «ao tempo, que caminhava a Procissão, se eclipsou o Sol, e durou o eclipse por grande espaço de tempo» (Maria, 1737, 272).

Em 1657, estavam concluídas «as principaes officinas com algumas cellas», pelo que o Convento já possuía «capacidade para a habitação dos Frades» e a «clausura, que se requiere». Nesse sentido, o Provincial Frei João de Jesus, determinou que se fizesse a mudança dos frades para o novo espaço, sendo para tal marcada a data de 29 de Abril, «que era a quarta Dominga depois da Paschoa» (Maria, 1737, 272).

Até 1661, como a Igreja não estava terminada, as missas foram celebradas na Sala do Capítulo. Nesse ano, a 13 de Junho, dia dedicado a Santo António - sendo Provincial Frei Pedro de Jesus e tendo a comunidade dezasseis religiosos – foi trasladado o Santíssimo Sacramento do Sacrário do Capitulo para o do Altar-mor da Igreja.

A construção prosseguiu até 1665, tanto nos retábulos, na tribuna, no coro da Igreja, como no claustro, dormitórios e cerca do Convento. Depois de concluído, e de acordo com a crónica de Frei de Jesus Maria, «ficou sendo o Convento vistoso ornato da Cidade», competindo «com os mais da Provincia na perfeição da architectura». O mesmo autor afirma que tinha os «Dormitorios em quadrado» e boa disposição de oficinas» (Maria, 1737, 274-275; cf. também Guerreiro, 2015, 29).

Após enviuar, Pedro Vieira da Silva, foi ordenado presbítero. Em 1670, foi eleito bispo de Leiria, pelo Papa Clemente X (1670-1671), sendo o primeiro bispo desta cidade após a Restauração da Independência, em 1640. No ano de 1672, mandou colocar no Convento as relíquias de Santo Hilário Mártir, atestadas como *verdadeiras*, por provisão de 5 de Setembro (Guerreiro, 2015, 29).

No ano de 1675, o benfeitor João Soares da Mota foi sepultado no alpendre da Igreja do Convento¹. No ano seguinte, morreu Pedro Vieira da Silva, que também foi sepultado no Convento, «sob uma lápide (...) situada na pequena capela interior que comunica com o claustro»² (Guerreiro, 2015, 39-40). Em 1687, morreu o terceiro benfeitor, Manuel da Mota, que foi inumado na Sala do Capítulo do Convento, juntamente com sua mãe Isabel da Silveira (Maria, 1737, 282).

¹ O seu túmulo já não existia em 1990 (segundo a equipa de Acácio Sousa). Cf. Guerreiro, 2015, 43-44.

² De acordo com Rute Xavier Guerreiro, em 1702, Frei António de Távora (f. 1711), filho de D. Pedro Vieira da Silva, mandou trasladar os ossos de seu pai para o jazigo da família. Em 1864, os restos mortais, juntamente com os dos descendentes, foram trasladados para a Cripta dos Prelados no Cemitério da Sé de Leiria. Em 1907, passaram para a Sé, para uma sepultura parietal no lado da Epístola. Cf. Guerreiro, 2015, 40. Contudo, segundo Ricardo Charters d'Azevedo, os ossos de Pedro Vieira da Silva só foram retirados do Convento em 28 de Abril de 1864. Cf. Azevedo, 2011, 291 e Azevedo, 2014, 255-256.

Ainda antes de 1737³, foi edificada uma Ermida, no alto de um monte contíguo, originalmente dedicada a Nossa Senhora da Piedade, mais tarde a Santo António. Esta Ermida, «pelo seu retiro», convidava «o espírito à contemplação das cousas Celestes» e dela se aproveitavam «os Religiosos para seus devotos exercicios» (Maria, 1737, 274). A ermida, demolida em 1979, era um edifício simples, inserido no «espírito e estética proto-barroca» (Gil, 2009, 132), «com paredes lisas (...), sustentadas dos lados por arcos botantes» (Guerreiro, 2015, 30).

O Terramoto de 1755 causou danos no Convento, o que motivou reparações, sendo a remodelação da fachada da Igreja concluída em 1770, segundo a inscrição que nela se pode ver (Guerreiro, 2015, 30-31).

As Invasões Francesas atingiram fortemente a cidade de Leiria, tanto em 1808, como em 1810: «Incendiaram-se templos e edifícios civis, e fizeram-se importantes destroços» (Sequeira, 1955, 56). Talvez em virtude desses acontecimentos, no ano de 1834, quando as tropas liberais entraram em Leiria, o Convento já tinha apenas «cinco religiosos, que se recolheram em casas particulares» (Zuquete, 1943, 321). Com a extinção das Ordens Religiosas, nesse mesmo ano, a igreja foi desguarnecida e o edifício ficou na posse do Estado (Zuquete, 1943, 321).

Em 1834, quando se fizeram os Autos de Posse do Edifício, este era descrito como um:

«Hum Edificio chamado o Convento de Santo Antonio disposto em quadrado, contendo nos Corredores quatorze Cubiculos, com sua Igreja e piquena Casa de Hospedaria pegada, Officinas, e hum Claustro com sinco Laranjeiras no Centro do quadrado.

Pegado ao Edificio tem huma grande Cerca toda murada com terras de hortar (?), semear, Vinhas, Arvores de fructo, algumas Oliveiras, piquena matta com huma Capelinha Contigua a esta, hum piqueno Jardim, e hum Poço de Agua nativa sem nora (...)»⁴.

³ Virgolino Jorge, em 1978, diz: «À falta de testemunho documental, pode considerar-se que se trata de construção posterior a 1657 (...)» (Gil, 2009, 131).

⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Ministério das Finanças, Inventário de Extinção do Convento de Santo António de Leiria, cx. 2223: «Convento de S. Antonio dos Capuchos Arrabidos em Leiria, Commarca de Leiria» - 1834, 29 de Junho, 22 de Maio, Igreja, Livraria - 15 de Maio, Prédios Urbanos, f. 16. Cf. também: Guerreiro, 2015, 107.

Em 1840, «começaram as negociações com o Ministério da Guerra, uma vez que este tinha interesse em lá instalar um hospital militar (Ministério da Fazenda, portaria de 11 de Maio de 1840)» (Guerreiro, 2015, 33). No ano de 1862, tiveram início «as obras para a adaptação do edifício a hospital e, dois anos volvidos, foi inaugurado o denominado Hospital Militar dos Capuchos» (Guerreiro, 2015, 34).

Data de 1864 uma planta da autoria do Coronel Manoel Maria da Rocha, que permite depreender que nesta altura terá sido pensada a «divisão do pé-direito da igreja em dois andares (...), pois no canto superior direito do traçado da planta (...), pode ser observado um desenho de corte da divisão correspondente (...)» (Guerreiro, 2015, 71). É de presumir que a maioria das alterações posteriores a 1864 tenham incidido na configuração interna das salas, de maneira a criar espaços mais amplos.

No ano de 1904, a capela ao lado do corpo da antiga igreja foi restaurada, sendo novamente sagrada a 13 de Junho desse ano (Guerreiro, 2015, 34). Em Junho de 1904, foi publicada uma fotografia do Hospital na *Ilustração Portuguesa*, que apresenta um edifício em bom estado de conservação, com a Ermida de Santo António no topo do monte contíguo. Esta imagem deverá reflectir não só as obras realizadas em 1862-1864, como aquelas que se deveram ao Dr. Sieuve de Menezes (f. 1904)⁵. Para dotar o edifício de melhores condições, este contribuiu para «obras de infra-estruturas: reparo do caminho de acesso ao hospital, iluminação (com candeeiros de petróleo) e arranjo dos jardins em volta (segundo o jornal *Leiriense*, de 1904, in Guerreiro, 2015, 34).

Em 1910, após a Implantação da República, a capela (restaurada em 1904) foi novamente profanada (Guerreiro, 2015, 34). O Convento, apesar de ainda continuar a ser empregue como hospital, começou a entrar em estado de abandono, tal como se confirma pelo jornal *Ecos do Lis* (n.º 33 de 1911): «O Convento está muito arruinado, principalmente a parte superior; a igreja conserva-se, porém inteiramente desguarnecida e inutilizada, à excepção da balaustrada, que separa o cruzeiro da capela-mor e altares colaterais (...)» (Gil, 2009, 130).

No segundo quartel do século XX o Hospital foi extinto, e em 1943, o edifício já era usado para «arrecadação regimental» (Zuquete, 1943, 201). Nas décadas seguintes, a antiga cerca foi urbanizada, criando-se nela o no Bairro dos Capuchos (Margarido, 1988, 119).

⁵ Cf. *Ilustração Portuguesa*, n.º 35, 27 de Junho de 1904, p. 344.

Em 1979, foi demolida a Ermida de Santo António, que estava em estado de ruína (Guerreiro, 2015, 30) e pela mesma época começou o «processo de classificação» do Convento. Em 26 de Fevereiro de 1982, foi classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 28/82, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 47) (Guerreiro, 2015, 77). Em 1985, foi integrado na *Zona Especial de Protecção* (vedada à construção) segundo a Portaria n.º 646/85 de 29 de Agosto (*Diário da República*, 1.ª série, n.º 198; cf. Guerreiro, 2015, 77). Em 25 de Maio de 1994, a ZEP foi retificada pela Portaria n.º 316/94 (*Diário da República*, 1.ª série-B, n.º 121) (Fig. 5).

Desde 2001, o edifício foi «praticamente votado ao abandono» (Guerreiro, 2015, 36) e em 2005, era o próprio Bairro dos Capuchos que estava a entrar em degradação (*Notícias de Leiria*, 21/7/2005, citado in Gil, 2009, 133). Um projecto da Câmara Municipal de Leiria de Abril de 2008, *Leiria Histórica, uma Nova Urbanidade, Estudo de Enquadramento Estratégico*, propunha a «Reabilitação da Igreja e do Convento dos Capuchos». Esta medida também não avançou, continuando a haver «sinais evidentes de degradação, acentuados pelas ruínas de antigos armazéns dispostos à sua volta» (Guerreiro, 2015, 19).

Em 28 de Dezembro de 2016, o edifício, que ainda estava afecto ao Ministério da Defesa Nacional, passou a integrar a lista de 30 imóveis a concessionar pelo Estado Português a privados, para instalação de unidades hoteleiras, esperando-se que pudesse ser explorado para fins turísticos de modo a reverter a situação de devoluto em que se encontra.

DESCRIÇÃO

O Convento, com dois pisos, é composto pela Igreja e pelas dependências conventuais, rodeando um claustro de planta quadrangular. A fachada principal está sensivelmente virada a Oriente, tendo do lado esquerdo os edifícios conventuais e a Igreja do lado direito.

A Igreja apresenta uma fachada dividida em três corpos. O telhado em bico, que possivelmente seria completado por frontão e coroado por uma cruz, tem continuidade sobre o corpo do lado esquerdo. O corpo central corresponde à Igreja, a qual é precedida por galilé porticada em arco de volta perfeita em motivo serliano ou palladiano. Sobre

cada um dos vãos laterais do arco central está uma mísula onde se lê, respectivamente, «Ano» e «de 1770». Segundo Lucília Verdelho da Costa, estas mísulas poderão vir da antiga frontaria. A data de 1770, poderá corresponder à ampliação, visível nos dois corpos laterais acrescentados à igreja (Costa, 1989, 41).

Os corpos laterais possuem portais barrocos, pertencentes à segunda metade do século XVIII, sendo que o do lado esquerdo dava entrada para a Portaria do Convento e o da direita para uma Capela (Sequeira, 1955, 66). Ambos os portais têm um frontão contracurvado encimado por óculos ovais. Sobre os óculos estão cartelas terminadas em cruz. Estas cartelas possuíam baixos relevos - na da esquerda ainda se vê o símbolo da cruz com o sudário; na da direita, muito danificada, estava uma Coroa de Espinhos (Zuquete, 1943, 322).

O pequeno edifício perpendicular à fachada da igreja, que a separa do Convento, talvez correspondesse pela localização à «pequena Casa de Hospedaria», referida no Inventário de 1834, pois já existia uma edificação (de maiores dimensões) nesse lugar, segundo a planta de 1864.

A fachada Norte do edifício, hoje inacessível, corresponde ao exterior da Igreja, tendo do lado esquerdo, a pequena Capela – que em planta ficava simétrica à Portaria. Nesta fachada, vemos que as paredes da igreja são suportadas por arcobotantes (ou contrafortes).

A fachada ocidental, corresponde, do lado esquerdo à cabeceira da Igreja, que no exterior apresenta dois arcos de volta perfeita. Nesta fachada existe uma porta de acesso ao claustro, sendo de presumir que fosse uma porta que servia para a Cerca.

Este corpo ocidental faz um L com o prolongamento do corpo Sul. No extremo desse prolongamento há um pequeno edifício de dois andares (que se liga com o Convento através de uma ponte), que poderia já existir, mas sem a ponte e só com um andar. Esse edifício, tal como hoje se apresenta, com dois andares e janelas em arco abatido, data talvez do final do século XIX, sendo a ponte ainda mais recente.

O lado Sul do Convento seria originalmente o que corresponderia à fachada principal do espaço monástico, apresentando no primeiro piso duas janelas de sacada com varanda. Seria deste lado, no piso superior, juntamente com o canto a Sudoeste, que ficavam os dormitórios, com as suas catorze celas.

Segundo Lucília Verdelho da Costa, o Convento é detentor de «uma arquitectura erudita, no tratamento dos cunhais de silhares rusticados e no jogo maneirístico dos vãos que ritmam a fachada» (Costa, 1989, 41). No entanto, julgamos que a par da linguagem erudita, predomina o despojamento, que se nota sobretudo no interior, com excepção da Igreja, que foi o local onde houve maior cuidado em termos decorativos.

Como já mencionámos, a entrada para a Igreja articula-se por uma galilé profunda, com abóbada rebaixada, ao fundo da qual se abre o portal com frontão de volutas interrompido, provavelmente da segunda metade de setecentos. A Igreja é composta pela capela-mor e nave rectangulares. Desde 1864, a nave da igreja foi dividida em dois andares por um sobrado, suportado por grossos pilares cimentados. Actualmente, a capela-mor encontra-se entaipada a tijolo e inacessível. Porém, são ainda visíveis as pilastras, o arco triunfal e o nicho que o encimava, bem como as pinturas murais de grotescos, de feição seiscentista, na parte superior das paredes da nave, cobertura e pilastras do arco triunfal. Existiam azulejos que revestiam as paredes da nave que foram retirados, sendo visíveis as suas marcas (Mendonça, 1991; Guerreiro, 2015, 60).

No «tecto de uma divisão ao lado da capelinha interior, conseguem identificar-se pinturas murais subjacentes à camada de tinta, de novo com motivos vegetalistas desenhados em formas espiraladas» (Guerreiro, 2015, 60).

Pode-se aceder ao claustro a Este pela fachada da Igreja, e a Oeste através dos espaços exteriores. O claustro é abobadado, de um só piso, abrindo para a quadra central por colunas e pilares toscanos suportando uma arquitrave. «Tem um aspecto rústico, ditado pelas dimensões, pela simplicidade das colunas que o compõem e pelas cantarias de pequenas janelas, aspecto típico dos finais do séc. XVI» (Guerreiro, 2015, 52). As abóbadas de berço das galerias do Claustro estão suportadas por traves de ferro, o que, segundo Rute Xavier Guerreiro é «uma técnica característica do séc. XVI» (Guerreiro, 2015, 64).

A humildade da arquitectura deste Convento prossegue no restante imóvel, apesar dos tectos abobadados, que surgem sobretudo nos corredores e escadas, sendo a maioria das dependências coberta por simples tectos de madeira.

Destaca-se a sala que corresponderia à portaria, à esquerda da Igreja, que tem um arco triunfal clássico a dar acesso às dependências monásticas – do lado esquerdo, ao

Claustro; ou, seguindo em frente, a um lance de escadas com tecto abobadado, que leva ao piso superior. Acresce que o acesso ao segundo piso também poderia ser feito por outro lance de escadas a Norte.

Ainda no piso inferior é de referir uma sala, que seria o refeitório, contígua à cozinha e que com ela faz ligação através de uma janela para transportar a comida. No piso térreo existe uma sala grande, na ala Este do Claustro, que poderia ter sido a Sala do Capítulo.

O piso superior mantém o mesmo despojamento, sobressaindo os tectos em madeira, muito simples, bem como os caixilhos e guarnições em madeira, das portas e janelas. Alguns destes caixilhos, que serão já do início do século XX, apresentam algum interesse estético.

Gustavo Matos Sequeira descreveu a fachada do Convento como uma «clássica fachada capucha» (Sequeira, 1955, 66). Antes dele, também Afonso Zuquete dissera que o edifício «corresponde exactamente ao tipo arquitectónico usado na ordem» (Zuquete, 1943, 321). A investigação de Rute Xavier Guerreiro encontrou paralelos com outros conventos da mesma Ordem, entre eles: Nossa Senhora da Piedade da Caparica, de 1558; Espírito Santo de Loures, de 1574; e S. Miguel de Gaeiras, de 1602 (Guerreiro, 2015, 58). Acrescentamos ainda, como termo de comparação, o Convento dos Capuchos de Alferrara (na Serra da Arrábida), que foi tema do Projecto de Mestrado em Arquitectura de Gabi Parreira Gamito, em 2017. Este Convento data de 1578, foi ampliado entre 1600 e 1639, datando desta segunda fase o nártex coberto da igreja sob o coro alto, semelhante ao de Leiria.

Tratam-se de edifícios de «pequenas dimensões», de traçado simples, com um pequeno claustro. O claustro de Alferrara é semelhante ao de Leiria, no tipo de colunas da galeria do piso inferior e na cobertura da galeria com abóbada de berço, formando cruzamentos de aresta nos cantos. Nos cinco edifícios sobressai a igreja, com entrada antecedida por galilé porticada, em arco de volta perfeita em motivo serliano ou palladiano (Piedade da Caparica, Santo António de Leiria e Alferrara) ou de verga recta (Espírito Santo de Loures e S. Miguel de Gaeiras) (Guerreiro, 2015, 58-59). Também têm em comum o arco triunfal da capela-mor. A planta de Leiria assemelha-se às dos conventos do Espírito Santo, São Miguel e Alferrara, nomeadamente com a igreja do lado direito e o claustro do lado esquerdo (Guerreiro, 2015, 59). Assim como em Leiria, também o Convento de Alferrara tinha os tectos em madeira.

Um aspecto análogo a todos estes edifícios e a outros da mesma Ordem, é a sua grande simplicidade. São Pedro de Alcântara (c. 1499–1562), que foi um dos primeiros quatro frades arrábidos e que viveu no Convento da Arrábida entre 1541 e 1544, estipulou que os conventos franciscanos deveriam voltar a ser pequenos e pobres. Segundo as *Ordenanzas* (1561): «Ordenamos que las casas que de aquí en adelante se tomasen, Sean pobres y pequeñas (...) queremos que las iglesias sean pequeñas» (Pacheco, 2013, 226-227).

CONCLUSÃO

O edifício do Convento dos Capuchos de Leiria é um imóvel com grande valor patrimonial e artístico. É importante quer pela sua arquitectura simultaneamente despojada (quase vernacular) e erudita, nomeadamente na galilé e no claustro; quer pelas decorações a fresco, designadamente no interior da Igreja.

O projecto *Revive* prevê a criação de um estabelecimento turístico com inclusão de um Núcleo Interpretativo: «O conjunto conventual em questão, é um exemplar arquitectónico de grande valor em Portugal. A criação de um Núcleo Interpretativo do conjunto, poderá ser importante para a valorização e divulgação do imóvel a nível regional e nacional (...)» (Revive, 13).

A intervenção no Convento tendo em vista o uso turístico deverá ter em conta o restauro e recuperação de todos os elementos de valor patrimonial que se encontrem em mau estado de conservação. Julgamos que essencialmente deverão ser preservadas as fachadas, incluindo cantarias de portas e janelas, e cunhais rústicos. Especial ênfase deve ser dado à fachada principal, com a galilé porticada.

O interior também é, tanto quanto possível, de preservar, com destaque para os tectos abobadados, os elementos arquitectónicos estucados, no claustro e na igreja – e dentro desta, as pinturas murais. É significativo também o tipo de abóbadas do Claustro com traves de ferro, uma vez que esta técnica construtiva poderá testemunhar a uma tradição do século XVI. São de preservar igualmente as caixilharias em madeira das janelas e das portas, como já foi estabelecido pelo Plano de Encargos do Projecto Revive.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Ricardo Charters d'. 2014. «D. Pedro Vieira da Silva, Bispo de Leiria (1670-1676), sua Vida, seus Ascendentes e Descendentes». In Carlos Fernandes (ed.), *Cadernos de Estudos Leirienses*, n.º 3, Dezembro, pp. 253-270.

AZEVEDO, Ricardo Charters d' (ed.). 2011. *Couseiro, ou Memórias do Bispado de Leiria, Transcrição da 2.ª Edição de 1898*. Leiria: Textiverso.

COSTA, Lucília Verdelho da. 1989. *Leiria*: Lisboa: Editorial Presença.

GAMITO, Gabi Parreira. 2017. *Projectar com o Lugar, Reabilitação do Convento dos Capuchos de Alferrara, na Serra da Arrábida: Centro de Investigação e Divulgação da Serra da Arrábida*. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa (Projecto de Mestrado).

GUERREIRO, Rute Xavier. 2015. *O Convento de Santo António dos Capuchos de Leiria, Contributos para a sua história*. Edições Escafandro.

GIL, Jacinto de Sousa. 2009. *Leiria, conventos, Franciscanos, Capuchinhos, Agostinhos e Sto. Estêvão*. Póvoa de Varzim: Tip. Camões, Vol. II.

Ilustração Portuguesa, 20 de Junho de 1904.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. 1834. Inventário de Extinção do Convento de Santo António de Leiria, Ministério das Finanças, Convento de Santo António de Leiria, cx. 2223.

Leiria Histórica, uma Nova Urbanidade, Estudo de Enquadramento Estratégico, Relatório Final, Parqueexpo, Abril de 2008.

MARGARIDO, Ana Paula. 1988. *Leiria, história e morfologia urbana*. Leiria: Câmara Municipal.

MARIA, Frei José de Jesus. 1737. *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida, da regular e mais estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco, no Instituto Capucho: Chronica da Provincia de Santa Maria da Arrabida*. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, Vol. II.

MENDONÇA, Isabel. 1991. «Convento de Santo António dos Capuchos». In *Monumentos.pt* [<http://www.monumentos.gov.pt>], cons. 24 de Julho de 2018.

PACHECO, Ana Ruela Ramos de Assis. 2013. *Construção de um mundo interior, Arquitectura franciscana em Portugal, Índia e Brasil (sécs. XVI-XVII)*. Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento).

REMA, Henrique Pinto. 2004. «A Ordem Franciscana em Portugal no século de ouro do rei D. Manuel I». *III Congresso Histórico de Guimarães, D. Manuel e a sua Época (24 a 27 de Outubro de 2001) - Actas*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, Vol. II, pp. 137-161.

Revive, Reabilitação, Património e Turismo. *Convento de Santo António dos Capuchos – Leiria. Concessão para a instalação de um estabelecimento hoteleiro ou outro projecto com vocação turística*.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos. 1955. *Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa, Vol V.

ZUQUETE, Afonso. 1943. *Leiria, Subsídios para a História da sua Diocese*. Leiria.